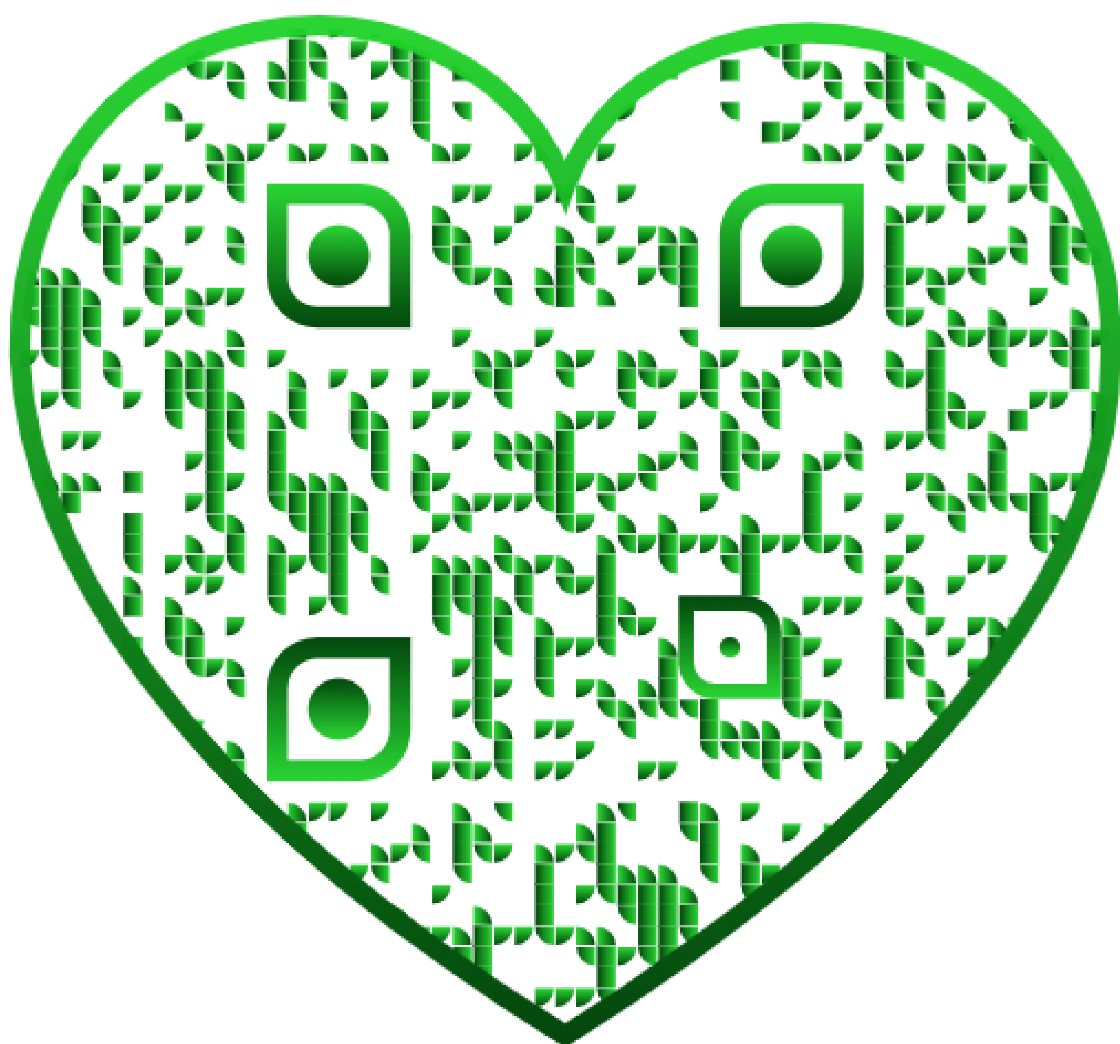
Glau Kemp

VEIAS ABERTAS

Não sangram para sempre

GK



Veias abertas
Não sangram para sempre

Glau Kemp

1º Edição
Rio De Janeiro
2019

Para Mary Shelley.

A primeira criadora de monstros que conheci.

“Diante de todas as coisas o bem sobrepujasse-a, ao bondoso não há dor que baste, pois não sentirá a navalha ou chama na presença do criador. Dará a outra face e tua própria carne ao demônio, mas teu sangue não o saciará e teu pranto não será em agonia. Inocente é aquele que queima ao fogo, que enche o peito, esfacela-se em sangue e que não retorna do sacrifício.”

Trecho da carta de Papa Eugênio IV ao rei Ernesto da Baviera (1434).

- I -

Baviera 1432 - Castelo de Vohburg

Choveu por tanto tempo que era difícil imaginar que havia um chão de pedra embaixo de toda aquela lama. Assim como ninguém suspeitava haver um casamento acontecendo naquele dia tão cinza e de vento frio e urrante, quase vivo.

Enquanto o sacerdote fala com a voz levemente trêmula, uma janela bate ao longe, sobressaltando cada um dos presentes toda vez que a madeira encontra a pedra com violência. Enquanto isso, Agnes aperta o crucifixo na palma da mão.

— Conjugar-se-ão, diante das palavras do criador — o sacerdote fala, sua voz competindo com os passos na escada. Alguém muito apressado aproximava-se. — Pois dele é a palavra e a cruz, e só através dele é permitido a união de um homem, Conde Alberto terceiro. — Os noivos se entreolham com feições repletas de urgência. A mão de Agnes treme enquanto um fio de

sangue chega ao chão se desfazendo em pequenas gotas, o crucifixo perfura a carne dela, já insensível pela pressão. — E de uma mulher, Agnes Bernauer. — O sacerdote levanta a voz, bradando o nome da mulher para ser ouvido diante do som da janela batendo.

Um homem sujo adentra a pequena torre quando o sacerdote diz a última frase do cerimonial e fecha o livro. Alberto abraça Agnes com força, vê o sangue em sua mão e beija seu ferimento. Seus lábios se sujam com sangue, mas Alberto parece não notar ou se importar.

— Acalma-te — ele diz com ternura.

— Senhor Conde — o homem está suado apesar do frio. Seus olhos são urgentes e as palavras, fracas e diretas —, o rei está no castelo.

— Não há mais por que esconder-se. Deixe-o saber. — Alberto beija os lábios de Agnes com delicadeza. — Diga ao rei que seu filho tomou uma mulher em matrimônio.

O homem fica parado, assustado e pensativo, observando-os. Suas sobrancelhas se unem. Ele olha para o sangue na mão de Agnes e depois para seus lábios, levemente tingidos de vermelho.

Agnes sorri para ele, incentivando-o a ir, mas seus dentes à mostra despertam um medo primitivo no homem, que se ajoelha com lágrimas nos olhos.

— Alteza… Senhor… eu lhe suplico, não me ordene tal ato, pois será meu último se assim o fizer.

— Não se aflija, bom homem. — Alberto aproxima-se dele. — Pegue, Sillas, vá à tua casa e comemore com os teus. Vá também à taverna e beba em nome de teu soberano. — Entrega-lhe um punhado de moedas e ele se vai, mais apressado do que quando chegou.

O casamento é consumado ali, de imediato, e quando o rei sobe à torre, encontra o casal envolto em peles e suores. Agnes esconde os olhos

atrás do braço do marido, diminuída na presença da majestade. O rei se vai sem dizer palavra alguma, e uma hora se passa até o sino do castelo ressoar duas vezes. Um sinal de morte.

-II-

— Minha família não tem muito, mas palavra não é coisa que falte a nenhum de nós. — Sillas bate o caneco na mesa.

— Deixe de troça que ninguém crê nisto, Sillas. És meu cunhado, sei bem a fama da família.

— Foi um casamento de sangue, vi com meus próprios olhos. Com lábios banhados em sangue, eles se beijaram. Ela olhou dentro dos meus olhos e sorriu — sussura fazendo o sinal da cruz.

— Sabemos que o conde tem apreço por ti. — O homem chamado Fausto diminui o tom da voz para continuar, pois o medo já o domina antes de proferir a palavra. — Tome este conselho, Sillas. A piedade dele acabará quando souber que és tu que estás a espalhar que a senhora dele é bruxa.

— Falo a verdade! — diz Sillas, cuspindo o vinho pago com as moedas do Conde.

— A mulher é filha de um curandeiro. Uma desgraçada de cabelos daquela cor do demônio. Sem essa história que inventas, a senhora Agnes já vai enfrentar a ira de gente poderosa por demais. E se tudo o que dissestes for verdade, ela já é nossa soberana. Não invoque o ódio daquele que te alimenta.

— Temo que sejamos nós a enfrentar alguma coisa, Fausto… — Sillas adota um olhar infantil, assustado, e se não fosse o vinho escorrendo por seu rosto, seria fácil acreditar que era uma criança. — Ela segurava um crucifixo e ele sangrava-lhe a pele. Beijaram-se em sangue. Ela e o conde. Se isso não é bruxaria…

— Escute, porco egoísta. A generosidade do conde vai além da compreensão. Tu entras e sais daquele castelo como um lorde, e ganha mais ouro que todos daqui. Tua família precisa deste ouro, meu filho não melhora da praga e tua irmã nunca vai perdoar-te se perdemos isto por conta de tuas histórias. Há muitas bocas para alimentarmos nesta família, Sillas. Esqueça o que viu. — Fausto arranca a bolsa de moedas da mão de Sillas com força. — Levanta-te! — ele diz com olhos estreitos, observando todos ao redor. — Vou levar-te para tua mulher calar esta boca imunda, pois temo fazê-lo em breve se ouvir mais alguma ladainha.

— Dê-me meu ouro e saia de minha frente, Fausto. — Sillas levanta-se cambaleando.

Fausto joga a bolsa aos pés de Sillas, espalhando as moedas e atraindo a atenção de todos.

— Quero ver os filhos de meus filhos, se não desejas isto, ao menos tenhas a dignidade de não me impedir — diz pausadamente, a mágoa de anos aflorada.

— Ela é uma bruxa — Sillas murmura, mas o silêncio do local e toda a atenção voltada para a discussão dos dois garante que todos na taverna o ouçam.

Um sino toca uma vez e todos ficam imóveis. Ele toca uma segunda vez e, quando está claro que não ressoaria uma vez mais, alguns dos presentes levantam as canecas ao alto. Aquilo significa uma coisa, alguém nasce ou morre no castelo. Não havendo senhoras grávidas, é certa a visita da morte naquela noite.

-III-

Muito emocionado, o senhor Bernauer segura-o entre suas mãos.

Como é macio e perfeito! A sensação cálida de ter a vida entre seus dedos… Toda sua existência faz sentindo naquele momento, ali está seu legado. Ele é capaz de gerar vida.

— Uma vida — repete com lágrimas prestes a cair. Já é velho, pensa, e, para ele, velhos são emotivos e pedantes, invariavelmente.

O batimento torna-se fraco e o dono daquele coração agarra-se à vida uma última vez. Ele abre os olhos e pode ver Bernauer segurar seu coração nas mãos, o riso no rosto de Bernauer é o que mais o assusta, e, mesmo se pudesse viver, não o deseja, não naquele mundo onde anda sozinho e bêbado por um beco, onde pode ter suas entranhas reviradas por um louco. Em busca de quê? O homem pergunta-se no momento da morte.

Bernauer corre em histeria pelo subsolo de sua casa. Com as mãos ensanguentadas, bombea manualmente o órgão quente, acreditando que a força vital será preservada enquanto o mantiver em movimento. O homúnculo o aguarda, a última peça necessária para trazer sua criação à vida, só imagina o que ele lhe diria. Lembra-se de como aguardou as primeiras palavras da filha, mas a ansiedade é maior agora. Agnes dizia-lhe *papai*, entre os pequenos lábios, e aquilo o emocionava. Entretanto, a primeira palavra do homúnculo mudará tudo, toda a crença do homem e todo o conhecimento deverão ser repensados. O que sairá daqueles lábios que ele próprio coseu?

IV-

Frio, a primeira sensação. O calor irradia aos poucos, do centro em direção às extremidades, mas, de fato, nunca aquece o suficiente até elas. Junto com ele vem a dor, sólida e amarga, presente em todos os lugares. Antes que abra os olhos, a dor está lá, certa de que nunca irá embora. Ele não sabe, não é capaz de recordar-se, a dor deve ser passageira. Então, para ele,

ela é a vida. É tudo.

— Agenor… — uma voz balbucia. — Tu podes me ouvir?

Confirma com cabeça e, devagar, abre os olhos. O desespero toma conta de seus músculos por alguns segundos. Grita, enquanto aperta os olhos. Foi apresentado ao medo, a luz é dolorosa e confusa demais. Esteve na escuridão por um tempo, e lá existe ordem.

— Agenor! Acalma-te! — a voz diz, e ela torna-se um borrão e mãos. Aquelas mãos apertam seu corpo, comprimindo a pele e acalmando a dor. — Acalma-te, estou aqui.

— Preciso… — diz, a língua enrolada, saliva grossa e fétida escorrendo pelo canto da boca. — Preciso voltar…

O borrão torna-se nítido, é um homem de olhos vermelhos e lábios trêmulos e enlouquecidos. — Voltar para onde? — ele pergunta. — Aqui é tua casa agora, eu sou teu pai e teu criador. — Ele puxa um tubo de seu braço e um líquido negro escorre. — Tu és a maior criação do homem, és o primeiro homúnculo, Agenor. Meu filho.

Lentamente examina o próprio corpo, um braço maior que o outro, terminados em dedos rijos e grossos. O tronco dividido em partes desiguais e de colorações diferentes. Tudo unido por costuras aparentes e purulentas. Em nada se parece com o homem à sua frente. Sente raiva e inveja. Naquele homem existe simetria, e a ordem é importante para o homúnculo. Nada existe na sua cabeça, porém compreende o mundo à sua volta. O odor das coisas, as cores e as formas… tudo é melhor quando há ordem. Percebe ser o oposto daquilo, é o caos, e tem raiva.

— Estás bem, Agenor?

— Sim — mente, sabendo que faria muito aquilo.

— Estás a pensar em algo?

— Não pensar em nada, sou um homúnculo — responde, mas ele

pensa. Deita-se novamente, sentindo seu corpo sucumbir à dor, e fecha os olhos. Esse é seu sentimento de casa, um lugar escuro e frio. De onde nunca deveria ter saído.

-V-

O dia amanhece com o corpo do sacerdote pendurado no portão principal, a pele do rosto dilacerada por estranhos buracos torna-o uma visão herética para muitos. Apenas para Bernauer, um homem que nunca temeu a mão de Deus, ver o estado do sacerdote faz bem. Aflige-se durante uma longa noite que fosse de seu sangue o corpo pendurado no portão principal. *Ela conseguiu*, pensa aliviado. O sino na noite anterior avisa sobre uma morte e Bernauer passa a madrugada em vigília, sentando em um banco duro, com os olhos em cima de Agenor e os ouvidos atentos à porta, aguardando notícias de Agnes. Zelando por seus dois filhos. Atemorizado e orgulhoso em medidas oscilantes. Apenas um pai.

Como as agruras da paternidade não atingem somente os plebeus, o rei digere com ódio as ações do filho, e o sangue do sacerdote não seria suficiente para acalmá-lo. Ao fechar os olhos, revisita a cena de depravação e insolência. Seu herdeiro enlaçado pelos feitiços de uma criatura ordinária, proferindo um discurso ensaiado, palavras que não cabem em sua boca. Ambos nus, enrolados em trapos sebentos, exalando suores pecaminosos que penetram em seu nariz sem autorização. Seu filho ousa dizer com um orgulho animalesco que não haverá volta. *“Eu a desposei, pai!”*, brada, com suor escorrendo pelo rosto apesar do frio, mostrando-lhe um lençol sujo do sangue impuro e do ato de pecado.

Ernesto retira-se, pois, naquele momento, deseja matar o filho, arrastá-lo pelos cabelos até as masmorras, arrancar de sua pele qualquer

lembrança daquela meretriz. Passaria anos, talvez, mas sabe como fazer um homem se esquecer ou se lembrar. O ódio do rei não é maior que o amor do pai. Apenas por isso, o corpo pendurado no portão é o do sacerdote. Entretanto nunca será suficiente, nunca.

-VI-

Passaram-se dois anos. A idade castigava seu corpo, todavia é o medo o culpado por enfraquecer sua carne. Agnes, a boa filha, provém seu sustento, e se ela o ergue de um lado, Agenor afunda-o do outro. Mas o velho Bernauer o ama. É esse tipo de amor que o impede de revelar quem é o culpado por tanta desgraça recair naquele lugarejo. Bernauer nunca foi um homem bom, sabe disso. Se é verdade que os filhos costumam superar seus pais, Agenor quer fazê-lo, com perfeição e ambições ainda maiores. O homúnculo deseja um modo de deixar aquele trapo chamado de corpo. Ele não quer os braços tortos ou rosto disforme. Com frequência, foge no meio da madrugada e retorna com as peças que deseja. Pessoas vivas e desesperadas, Agenor aponta para o objeto de seu desejo, sua obsessão. Seja a cabeça, um braço ou olho de cor diferente.

Bernauer tem medo de perdê-lo para a noite e para a morte. Quando seu filho sai, o perigo de ele ser descoberto impede que Bernauer durma. E cada nova cirurgia é um risco alto demais, pois o filho pode não despertar.

Sem escolha ou forças para resistir a Agenor, cada vez mais forte e inteligente, Bernauer transcende a seus pensamentos mais obscuros, submete-se a incontáveis atrocidades e alcança o impossível, pela segunda vez. As respostas que sua ciência não fornece, Agenor responde com outras fontes. Bernauer, um homem da ciência, não acredita em tais coisas, sempre rebate dizendo e explicando a impossibilidade de dar certo. Porém, foi vencido por

um punhado de palavras estranhas e rituais cada vez mais sinistros. Eles nunca falham. O alto preço a pagar fica armazenado em um buraco que o homúnculo escava, fundo e escuro como um túmulo gigante. Lá dentro, ele abriga não mortos, e sim pessoas vivas, seu alimento. Assim, ele faz o impossível mais uma vez, dá um novo corpo a seu filho.

Ninguém mais poderia chamá-lo de homúnculo. Certamente ele será conhecido pelo mundo. Obcecado pela simetria, Agenor constrói, junto com ele, um corpo. O mais belo de todos, perfeito. Agenor não é capaz de entender quão horrível é aquilo que eles fazem. Porém, Bernauer sim, e isso o mata. Sequer espera Agenor acordar, tranca todo o subsolo, passa uma corda em volta do pescoço e pula de um banco. Ironicamente, aquele homem aceita um filho vindo dos mortos, a vida construída a partir da morte, todavia sua mente não é capaz de aceitar a vida mantida às custas do sangue dos vivos. Talvez tivesse se arrependido, não o suficiente para tentar consertar seus erros, apenas o bastante para pular de um banco.

-VII- Baviera 1434 - Castelo de Vohburg

Com a morte de seu pai a menos de um mês e a viajem do esposo para Viena, Agnes está sozinha, condição que apenas esses dois homens impedem de ser seu cotidiano durante os últimos dois anos. Ela nunca soube o porquê de tanta resistência, boa esposa e recatada, não fala quando não solicitada, evitando até o olhar das pessoas. Entende o motivo pelo qual os nobres não aprovam sua união com Alberto, falta-lhe ouro e poder, e isso irrita todos eles, mas até os criados evitam sua companhia. O pai caiu em desgraça com todo o falatório do vilarejo, dizem que Agnes é uma bruxa. As pessoas deixam de procurar pelos serviços dele e se negam até a negociar as coisas mais básicas. Ela então toma essa tarefa para si, levando-lhe comida, tecido,

livros e tudo de que precisa.

Porém não é suficiente. Agnes assiste com horror o pai definhar ao longo desse tempo. Os músculos se liquefazem, deixando pele demais cobrindo-lhe os ossos. Até que um dia chega em sua casa e o corpo dele, pendurado por uma corda, dando fim ao sofrimento de Bernauer, mas não ao dela.

Agnes corre pelas ruas poeirentas do outono seco, gritando e levantando um rastro de pó. Aquela seria a única marcha fúnebre de seu pai, ela e o vento, os únicos a fazerem barulho pelo homem.

Chegando ao castelo, sente-se incapaz de conter tamanha dor e vai ter com o rei a conversa que evitou a todo custo durante dois anos. Alberto sempre disse que a raiva de Ernesto passaria. *"Nossa felicidade irá convencer até mesmo o rei"*, seu marido a consolava. Os dias passam e torna-se normal o desprezo dele para com ela. Não é tão ruim, o rei simplesmente não lhe dirige a palavra, e Alberto é seu porta-voz, ele resolve e providencia tudo de que precisa. Justo no momento de maior aflição de sua vida, não existe uma só pessoa que pode ampará-la. Agnes pensa que algum criado a ajudaria, porém todos recebem ordens e ninguém lhe dá nada além de silêncio. Procura por Sillas, como o esposo havia orientado antes de viajar. O homem vira o rosto e se vai, deixando-a sozinha e impotente.

Vai até o rei e dobra-se diante dele, lavada em lágrimas e humilhação. Ernesto sequer para de ler o documento que trazia em mãos. E quando Agnes acaba de contar sobre a terrível morte do pai, ele não diz nada. O rei chama um soldado, murmura ordens ao homem que sai apressado. Antes de ir, o homem informa que ela fique ali, à sua espera. O tempo que passou é suficiente para endurecer seus pés e ferir os seus joelhos. Quando o soldado retorna, fala aos ouvidos do rei, mas o silêncio continua.

Após muito tempo sem erguer o olhar, sentindo o rosto molhar e secar muitas vezes, decide levantar-se e ir embora para derramar sua tristeza em outro lugar, pois dali não tem mais esperança de auxílio algum. A ponta de uma espada perfura suas costas. Olha para trás, o soldado não está só, outros seguram armas. Agnes tem coragem de olhar nos olhos do rei e ele sorri. Um homem esguio e ricamente vestido desenrola um papel grosso com suavidade e diz em voz solene:

“Pelo poder do rei e pela bênção de sua santidade, Agnes Bernauer é condenada pela justiça do rei e de Deus. Nesta manhã, foi encontrado na casa de seu pai, senhor Bernauer, um cenário abominável. Neste local, a senhora Agnes Bernauer, juntamente com seu pai, torturava incontáveis vítimas inocentes, arrancando-lhes partes dos seus corpos, não apenas pelo prazer em fazê-lo repetidas vezes, mas para fins malignos e de magia negra. Além da mais demoníaca prática de se alimentar com os restos humanos, pai e filha planejavam o assassinato do rei e do herdeiro da Baviera.”

-VIII-

Poucas pessoas desejam a morte como aqueles que veem nela a liberdade e o fim de toda sua dor. Durante um dia, Agnes implora por ela. Sua pele preenchida de manchas, seus cabelos e os olhos… todos errados. Vermelhos demais e intensos além da compreensão. Então resolvem arrancar dela tudo que lembra a cor do demônio. E assim o fazem. Cada pelo de seu corpo é raspado sem pudor ou cuidado, só isso basta para desgraçar a vida de uma mulher que nunca ficou em completa nudez diante do próprio marido.

Naquele ato sórdido mutilam sua alma, tirando dela o controle do seu corpo e sua dignidade. É pendurada pelos braços, seus pés mal tocam o chão.

Mexe-se pouco, porque os ombros estalam em dores lancinantes. Quatro mãos hábeis e duas navalhas quase cegas fazem o grosso trabalho. E Agnes vê, com horror e vergonha, os olhares de repulsa do rei e seus guardas. Não tem coragem de olhar por muito tempo, mas, quando olhava, assiste a um misto de nojo e luxúria em seus rostos. Os homens que raspam seu corpo ignoram o fato de existir pele delicada embaixo dos pelos, e seu corpo recebe pequenos veios de sangue que escorrem feito lágrimas. Agnes fecha os olhos, apertados dentro do rosto. Tentando reter o grito, morde os lábios e contorce a cabeça, querendo fugir de si mesma.

— A puta está a gostar… — o homem à sua direita diz. Sua boca exala ar fétido e de seu sorriso poucos dentes apontam, todos podres. É Sillas, um traidor. — Olhe como fecha as pernas — zomba ele, mas aquilo é uma tentativa de se proteger. A única que ainda dispõe. — Vamos fazer de baixo a alto.

Sillas sussurra essas palavras no ouvido de Agnes. E no instante em que sente as mãos do segundo homem, um gordo com cheiro de álcool e suor, ela grita. As mãos dele abrem-lhe as pernas. Os gritos ricocheteiam nas paredes de pedra enegrecida e somem pelas valas de excrementos das masmorras. Ainda não havia desistido de lutar, por isso joga o corpo para frente e para trás, o gordo, ajoelhado com a cabeça em seu ventre, cai. O rei ordena que a façam parar de gritar sem motivo, enquanto os soldados se divertem. Ernesto repete as palavras. — Sem motivo —, saboreando as letras junto ao caneco de vinho.

O gordo levanta-se, furioso, puxa o mamilo de Agnes e encosta a navalha na pele rósea. O medo a faz gritar continuamente, sua voz falha algumas vezes, mas ela continua. Como se calar diante de tanto horror? De alguma forma doentia, o homem toma o bico enrijecido de seu seio como sinal de prazer. Concentrado, desliza a navalha sobre ela, o ferro corre, dando

pequenos solavancos onde existem reentrâncias, pequenos dentes, como uma serra. Sillas a segura pelo tronco, e todos ouvem seu braço estalar e o ângulo estranho que seu ombro forma. Enfim desmaia. Entretanto é pouco, Agnes quer morrer.

— Confesse tuas bruxarias… Filha do demônio… Meretriz do inferno…

Ela ouve as palavras ao longe, o ar à sua volta deslocando-se depressa, seguido de calor intenso. O som seco e forte acorda seu corpo e a dor, sua mente. Permanece vários minutos olhando o seio, o lugar em que ele deveria estar. Dali mina sangue e pedaços de carne esfacelada. Uma tira de pele recheada de gordura pulsava, pendurada e sacolejando, seguindo sua respiração. O ferro grita ao som da fornalha e os homens voltam segurando o aparelho incandescente. Ninguém precisava dizer, o cheiro de carne queimada, as bolhas e as queimaduras que preenchem o lugar onde deveria estar o seio direito, explicam o que aquela ferramenta estranha seria. Um estripador de seios.

— Misericórdia… — Agnes sussurra. Uma grossa película envolve seus olhos e não são apenas lágrimas. Mas onde há desespero, seus inquisidores enxergavam truques ardilosos. — Misericórdia, Senhor.

— Revele teus atos em comunhão com o demônio, bruxa!

— Senhor. Ajude-me, Senhor, tua filha clama por ti, Senhor. Misericórdia! — E, conforme o ferro se aproxima, ela grita mais alto. — Misericórdia! Não! Misericórdia! — O Rei acha ser o senhor a quem ela clama, mas Agnes suplica ao próprio Deus, aquele a quem dedica horas, todas as semanas de sua vida.

— Revele os nomes de tuas iguais, serva do demônio. Diga-me seus nomes!

— Misericórdia!

— E aponte suas casas! — o homem grita, aproximando o ferro vermelho.

— Eu imploro, eu imploro. Não! Não!

— E aponte seus filhos! E revele seus pecados! — ele continua, até o metal em brasa encostar na pele de Agnes.

— Senhor! Não! Não! Misericórdia. — É nesse momento que Agnes desiste de lutar. Grita ainda por horas, porém é só um reflexo de dor, involuntário. Não clama mais por seu Deus, pois, se Ele existe, não poderia ouvi-la, não das masmorras.

— Bruxa! — ele grita, o ferro envolvendo todo o seio, e sua voz compete com o chiado da pele, entretanto nada é mais alto ou mais terrível que aquele som. Fino, quase eterno, o último grito embebido em esperança. O som de um inocente adentrando o inferno.

Agnes Bernauer, grita até seu último momento com vida, acha que Deus não consegue ouvi-la, mas alguém em algum lugar poderia. Ela não tem como saber, seus gritos são ouvidos fora do castelo e, quase toda a comunidade sabe do ocorrido. E a capela nunca ficou tão cheia como naquela noite. Alguns pedem ajuda para Agnes, pedem a ajuda de Deus, esse é o maior ato de rebeldia daquela gente. E em nome desse Deus, seu corpo, com um coração ainda batendo, é carregado até a ponte. Agnes não confessa seus atos de bruxaria. Como poderia? É inocente. Sem sua confissão o rei tem pressa em executar logo a sentença, pois tão logo Alberto retorne, Agnes teria uma chance de escapar.

Arrastada pelas ruas, pode ouvir as vozes. *Bruxa! Maldita!* São as mesmas vozes que, na capela, murmuravam pedidos de ajuda. Se à noite aquelas pessoas pediam para Deus silenciar o pranto de Agnes, durante o dia proferiam xingamentos, aplaudiam suas feridas e bradavam sua dor. Os inquisidores amarram em seus pés quilos de pedras e jogam-na no rio

Danúbio. Se Agnes sobrevivesse, eles provariam que era uma bruxa. Apesar, é claro, de não haver dúvida alguma. *Os inocentes não retornam do sacrifício.*

Ela morre.

Seu corpo é levado pelo rio, mas seus gritos nunca seriam esquecidos pelas paredes das masmorras de Vohburg. Sua dor nunca acabou e continuou a reverberar até muito depois de sua morte. Porque, para algumas pessoas, a morte não é o fim.

-IV-

Agenor espera a noite cair, a escuridão abraçar o rio e o medo levar as pessoas para longe. Então ele resgata o corpo de Agnes. *"Tão destroçado..."* Ele a abraça, passando as mãos em seu rosto, ao menos ela ainda conserva um vestígio de beleza. Agenor leva os lábios até o pescoço dela, morde a carne gelada e suga o sangue. *"Podre"*, constata com repulsa e tristeza. Sem emoção, toma o corpo em seus braços e o leva para casa, sua casa, o lugar onde nasceu e morreu antes de ser o que era agora. Um imortal.

Fim

Conheça também meu livro:
Quando o mal tem um nome

Contatos
Instagram Glaukemp@
https://www.facebook.com/glaukemp
Curta a página e fique sabendo das novidades.
Glaukemp@gmail.com